

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



UMA ORIGINALÍSSIMA BLUSA... À AMERICANA! TODO O TECIDO É ORNADO COM A PALAVRA «IT» — QUE É COMO
QUEM DIZ : É isto que V. Ex^{as} estão vendo!

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE JOSÉ TAGARRO

25 trabalhos apenas. Logo à primeira impressão se verifica estar na presença de um pintor forte, pessoal, sóbrio de técnica.

Esta sobriedade, uma das suas maiores qualidades, distancia-o por vezes de certos espí-



ritos habituais à mesquinha pintura de «efeitos», cheia de malabarismos e de «receitas».

É um pintor desempoeirado, com um processo largo e com uma esplendida base: é um ótimo desenhador.

Num país onde a crítica não estivesse acostuada aos «pasteis de nata», às «flores», e às «naturezas mortas» pintadas com o pincel do «lugar comum», seria recebido com entusiasmo sincero.

Vinci, disse, e hoje é bem útil repeti-lo que a condição essencial de um retrato é a semelhança. Desenhador seguro, os retratos de Tagarro são evidentemente «retratos», pelas feições, pela expressão — a semelhança requirida pelo grande mestre italiano.

Pelo tamanho e pela composição, impõe-se o retrato de D. M. L. E. F. da C.

Colocou-o o pintor ao lado do magnífico retrato do escultor Júlio de Sousa. Estes dois quadros, postos assim lado a lado, definiriam Tagarro como pintor de óleo. Num, a delicadeza, o nervosismo da elegante figura de mulher, num conjunto requintado de almofadas e divans. Há nele uma eutímia de azues e de roxo com notas quentes de laranja. É um retrato em qualquer parte do mundo.

O outro, uma cabeça máscula, esculpida com o pincel, marcada fortemente, de uma dureza viril.

Os dois quadros definem, completando-se, a personalidade de pintor de Tagarro.

Um outro retrato de Mulher, com o fundo vermelho, faz lembrar a laca vermelha do Oriente, linda de ver. Todos os outros retratos bons.

Antes de passar aos desenhos devemos nos referir a uma pequena «natureza morta» onde há uma linda luz.

Há também duas aguarelas, bastante ligeiras, demonstrando que, na sua maneira quente e vigorosa de pintar, a aguarela interessa secundariamente o pintor.

Os seus desenhos confirmam plenamente o esplêndido ambiente formado em volta de Tagarro como desenhador. Esses seus trabalhos, são tão perfeitos que há mesmo quem o aconselhe e sem razão a que prefira o desenho.

Devemos salientar os «Peixeiros» de uma estilização rigorosa, cheia de volume.

A mulher do cantaro, que tivemos o prazer de aqui publicar, é um desenho delicado e viril a um tempo, cheio de graça e sabor popular.

Felicitemos Tagarro pelo êxito obtido e que previmos no nosso número anterior, tendo sido a sua exposição uma das mais visitadas nos últimos tempos.

FESTAS DE HOMENAGEM

No teatro da Trindade realiza-se no dia 23 do corrente mês uma récita extraordinária organizada pela empresa Lucília Simões-Erico Braga em homenagem aos seus cronistas mundanos srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, o primeiro dos quais é redactor desta secção.

Representar-se-á nessa récita, que decerto vai marcar nos anais do Trindade, mais uma página a letras de ouro, visto ser aí que tudo quanto de melhor conta a nossa aristocracia dará ponto de reunião em «reprise» da peça Marquês de Vileme, do esplêndido repertório desse teatro, peça que pela sua finura e espírito alcança sempre um êxito grandioso, na qual a ilustre artista empresária sr.^a D. Lucília Simões tem um soberbo trabalho.

Fecha o espectáculo um fim de festa em que tomam parte os ilustres artistas D. Palmira Bastos e Alexandre de Azevedo, e alguns da companhia do Trindade.

«MATINÉE» DE ARTE

Na elegante residência, à Junqueira, da brilhante poetisa sr.^a D. Mecia Mousinho de Albuquerque, realizou-se uma interessante «matinée» de arte em honra do ilustre professor da Sorbonne, Mr. Le Gentil, executando-se o seguinte programa: as sr.^{as} D. Maria de Carvalho, D. Paula Nogueira e a filha da dona da casa D. Fernanda Mousinho de Albuquerque, recitaram varias poesias, a primeira e terceira da sua autoria, sendo as da filha da dona da casa em francês; a segunda, versos de Campeamor e de Jean Richepin. O sr. tenente-coronel sr. Cardoso dos Santos disse tam-

tre jurisconsulto, publicista e orador, e sua ex.^{ma} esposa, que tiveram além de uma despedida extremamente concorrida e afectuosa, uma festa de homenagem organizada pelo Orfeão Académico de Lisboa, festa essa que contou de discursos do senhor embaixador do Brasil, do dr. Lemos Brito e do dr. Gomes dos Santos, presidente do Orfeão, bem como de poesias feitas e recitadas por Alcantara Carreira e pelo académico Jacinto Cutileiro, e da audição dos hinos brasileiro e português pelo Orfeão, sob a regência do maestro e professor Herminio do Nascimento.

Festa encantadora, nela colheram fartos aplausos os oradores e o Orfeão.

O director da Agência do Lloyd Brasileiro, sr. Artur Pinheiro Guimarães e o comandante sr. Tiago de Figueiredo, foram da máxima gentileza para com todos os presentes — algumas centenas de pessoas — mandando servir licores, vinho do Porto e cerveja brasileira, no grande salão de refeições, e o comandante uma taça de «champagne» à Imprensa, na sua câmara.

Entre a assistência lembra-nos de ter visto:

A senhora embaixatriz do Brasil, D. Carlota Cardoso de Oliveira; senhoras Lafayette Carvalho e Silva, de Sousa Costa, de Sousa Fonseca, de Gomes Barbosa, de Alcantara Carreira, de Belo Corrêa, Alves Cardoso, Ivon Costa, D. Estela Nobre, D. Maria Romariz, D. Cândida Romariz Ferreira, D. Violeta de Alcantara, etc., etc.

E os senhores:

Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil; dr. Afonso Rodrigues Pereira, representante do ministro do Estrangeiros; drs. Lafayette de Carvalho e Silva e Franklin de Almeida Lima, conselheiro e secretário da

ilha D. Maria da Graça, com o sr. Vitoriano António Teixeira.

Serviram de madrinhas a mãe e a tia da noiva, sr.^a D. Maria da Conceição Vaz Teixeira, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Duarte Lobo.

Finda a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa um finissimo lanche, partindo os noivos depois para o sul do país, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

Com muita intimidade realizou-se na paroquial igreja dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Violeta da Conceição Calinas, interessante filha da sr.^a D. Maria da Piedade Calinas e do sr. José Nunes Calinas, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Julia Vieira Ferreira e D. Maria de Sampaio, e de padrinhos os srs. João de Oliveira Ferreira e Marcelino de Sampaio.

Finda a cerimónia religiosa foi servido na residência da mãe da noiva um fino lanche, partindo os noivos depois para as Caldas da Rainha, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

Realizou-se na paroquial igreja dos Anjos, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Laura Amélia Pereira de Matos, gentil filha da sr.^a D. Filomena Pereira de Matos, e do sr. Adolfo de Matos, com o sr. Manuel Leandro Migueis da Silva, filho da sr.^a D. Amélia Migueis da Silva e do sr. José Leandro da Silva.

Foram madrinhas Madame Brazão Alves e a mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Alfredo Brazão Alves e João Vitor Guedes de Matos.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

NASCIMENTOS

Na sua casa de Évora, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Clara de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, esposa do sr. Leão Augusto de Vasconcelos e Sá.

Mãe e filha estão de perfeita saúde.

Teve o seu bom sucesso no Porto, a sr.^a D. Laudelina Vieira Pinto Teixeira, esposa do sr. Alfredo Diniz Teixeira e irmã do distinto violinista Vieira Pinto.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.^a D. Maria da Piedade Lamas de Aboim de Sande Lemos, esposa do distinto tenente de engenharia sr. Manuel Aboim Ascenção de Sande Lemos.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Leonor Vieira da Fonseca, esposa do distinto capitão de artilharia sr. José Augusto Vieira da Fonseca.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

DORA SOARES

É uma das mais ilustres figuras de artista do Brasil moderno. Desde os mais tenros anos que a sua inclinação para a música se patenteou de uma forma iniludível: aos 8 anos de idade dava já concertos e provocava o entusiasmo do grande pianista Artur Napo-



leão que a incitava a seguir uma carreira para a qual tantas e tão requintadas qualidades possuía. O seu nome como concertista de violino é fartamente conhecido em todo o mundo culto, tendo dado concertos em França, Portugal, Argélia, Madeira e Brasil, concertos esses que têm sido autênticos êxitos.



As sr.^{as} D. Ofélia Marques Soares, D. Maria do Carmo Marques Pinto, D. Margarida Vieira do Pinho e D. Maria do Carmo Pinto Barbosa que a 11 do mês passado gentilmente colaboraram no espectáculo efectuado no S. Luís pelos naturais da Murtosa a favor do Hospital-Asilo de Pardelhas, vendendo a poesia de Augusto Gil, Cinturinhas da Murtosa

bem algumas produções originais, recebendo todos ao terminar frenéticos aplausos.

Depois de um curto intervalo as sr.^{as} D. Estela, D. Celeste e D. Maria do Céu de Lis Teixeira de Mendonça, cantaram primorosamente várias canções populares portuguesas e, finalmente, os srs. Luís O'Neill de Avilez, Mariano de Carvalho e Ribeiro de Almeida, cantaram à guitarra vários fados, dando extraordinário realce à nossa «Canção Nacional», e sendo vibrantemente aplaudidos pela selecta assistência.

O ilustre professor Le Gentil ficou verdadeiramente encantado com a interessante festa que a dona da casa, a inspirada poetisa sr.^a D. Mecia Mousinho de Albuquerque, lhe dedicou.

Na assistência, que era numerosíssima, via-se além do homenageado grande número de famílias da nossa melhor sociedade.

SALÕES

Festejando o seu aniversário natalício improvisou-se na elegante residência da sr.^a D. Maria José de Noronha, ao largo de S. Sebastião da Pedreira, uma interessante festa íntima, na qual, além de animada conversação, recitou algumas poesias da sua autoria, a brilhante e inspirada poetisa sr.^a D. Mecia Mousinho de Albuquerque; cantaram o fado acompanhado à guitarra pelo sr. D. António de Noronha (Paraty), a sr.^a D. Antonia de Cardoso e Silva de Vasconcelos Porto, sua gentil filha, a dona da casa, e o sr. Luís de Noronha Vasconcelos Porto, que receberam ao terminar frenéticos aplausos.

Os convidados retiraram-se gratíssimos com os deliciosos momentos que a sr.^a D. Maria José de Noronha lhes proporcionou.

PARTIDAS E CHEGADAS

Sabado passado regressaram ao Brasil, no paquete «Rui Barbosa», o dr. Lemos Brito, ilus-

Embaixada; dr. Navarro da Costa, consul adjunto do Brasil; dr. Sarmento Brandão, pelo Club Brasileiro; representante da Associação dos Advogados, dr. Sousa Costa; D. Alberto Bramão, tenente-coronel Velho da Palma, dr. Carlos Guerra, Abel Moutinho e Cayola Zagalo, representando os directores do *Diário de Notícias*; João da Cunha de Rça, director da *Ilustração*; dr. Alvaro Maia, dr. Joaquim Frois, pintor Alves Cardoso, dr. Ivon Costa, Baltasar Pereira Alves, pintor Louis Eugène Dumont, Belo Redondo, Roberto Nobre, Armando de Aguiar, representantes dos jornais *O Século*, *O Jornal do Comércio*, *A Voz*, *O Correio da Manhã*, *as Novidades*, *Diário de Lisboa*, *O Povo*, revistas *Voga*, *Magazine Bertrand*, *A. B. C.*, etc. etc.

A *Voga* deseja ao distintíssimo casal um feliz regresso ao seu lar e ao grande Brasil.

CASAMENTOS

Foi pedida em casamento pelo sr. D. Francisco Soto Maior e Avila, para seu filho D. Francisco, a sr.^a D. Maria Candida Brandão, gentil filha da sr.^a D. Luiza de Faria Barbosa Brandão e do sr. Vitor de Lima Brandão.

O casamento realizar-se-á brevemente.

Na paroquial igreja do Sacramento realizou-se, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Idalina Porto de Queirós, com o sr. Frederico de Arriaga Borges de Sousa, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Amalia Porto de Queirós, irmã da noiva, e de padrinhos os srs. dr. Alberto Borges de Sousa e Fernando Borges de Sousa, tios do noivo, e Emilio de Moraes.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Na capela da casa da Boa Vista, na Régua, residência da sr.^a D. Maria José Pimenta Vaz Feijó Guedes, e do sr. dr. João Monteiro Guedes, realizou-se o casamento de sua gentil fi-

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

Para o quarto e sala de jantar, MOBILIA ALENTEJANA — Para a sala, MOVEIS ROTIN
Para a varanda, MOVEIS DE VERGA
Com as esteiras, passadeiras, tapetes e capachos mobilis com pouca despesa a sua casa.

— GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120 Telefone T. 801



AS MODAS EM VOGA

OS NOVOS
MODELOS
PARA
CHAPÉUS
DE VERÃO,
ULTIMAS
CRIAÇÕES
DA
MODA



A PALHA
O FELTRO,
A SEDA
E O
"JERSEY",
DOMINAM
ESTE
ANO,
LEITORAS!



COM a aproximação da primavera, dos lindos dias em que o sol, cheio de esplendor, espalha a sua ardente poalha dourada, nota-se nas casas de modas e *ateliers* a azáfama das elegantes que procuram e escolhem já as *toilettes* alegres para a próxima estação.

Principalmente os chapéus são o artigo de *toilette* mais procurado. Os vestidos, que já fizeram a estação de inverno, quando há frio, põem-se com boa vontade.



Nos chapéus já não sucede isso. Apenas Março marca no calendário os seus primeiros dias e a natureza igualmente se torna clara e brilhante, eis que os chapéus de verão voltam a dominar, não havendo ninguém que os não use.

É vulgaríssimo ver-se, aqui em Lisboa, este justificável paradoxo: senhoras com casacos de peles e chapéus de verão.

É, pois, dos lindos chapéus de verão que vamos tratar.

Chegou o seu tempo, e as nossas leitoras devem estar ávidas de novidades e modelos.

Cinco chapéus, modelos dos mais lindos e recentes chapéus que Paris criou e adoptou, oferecemos às nossas leitoras e ao seu bom gosto.

Os chapéus grandes voltaram este verão, em lindas criações, duma elegância e requinte que nos deixam indecisas sobre que forma adoptar: chapéus grandes ou pequenos? É quasi um dilema grave...

Nos chapéus pequenos as suas formas são variadíssimas e originais; os grandes, além dos seus feitos serem duma graça cativante, são sempre mais lindos e alegres, pelo seu aspecto primaveril e a sua elegância natural.

No nosso modelo N.º 1 vimos nós distintamente a harmonia graciosa do seu corte exótico que tão bem fica num rosto redondo e miudinho. Em palha clara, todo debruado a azul marinho, é este chapéu duma linha tão suave como linda. Uma fita larga, igualmente em azul marinho, dá volta à copa e termina à frente num lindo motivo decorativo.

O N.º 2 é uma *capeline* elegantíssima em palha verde.

As *capelines* são um género de chapéus que fica bem, em geral, a todas as pessoas. A incli-

nação das abas para o rosto, sombreia-o suavemente, fazendo realçar as feições com maior beleza e ternura.

Para enfeitar este chapéu coloca-se em volta da copa uma fita larga em verde com três tons, terminando ao lado numa grande e artística roseta.

Tratemos agora dos chapéus pequenos.

Qualquer deles é duma originalidade encantadora.

O N.º 3 alia, num conjunto agradável em extremo, o feltro e *jersey* *bois de rose*. Nada mais tem este elegantíssimo modelo senão o seu corte tão lindo e decorativo e a mistura de tecidos tão diferentes mas que se harmonizam maravilhosamente.

Não é a grande variedade de enfeites que em geral alinda um chapéu. A sobriedade de enfeites é feliz quando, como neste modelo, um corte cheio de novidade e beleza os sabe dispensar.

No nosso modelo N.º 4 temos nós um género absolutamente diferente mas que marca o seu lugar com a mesma nota de inédito e elegância.

Este chapéu é feito em seda *gros grain* bege e palha arrendada no mesmo tom.

Este modelo é também duma simplicidade delectável. Nem um enfeite além da combinação sãbiamente feita da seda e da palha, numa harmonia de cor deliciosa.

N.º 5 é outro modelo em que do interessante conjunto do feltro e *jersey* resultou uma nova maravilha com que deslumbrar tôdas as elegantes que adoram o ineditismo nas *toilettes* e nos chapéus.

Este modelo é executado em bege unicamente.

O seu corte é mais uma feliz descoberta, cheia de graça, nos modernos chapéus.

Uns pequeninos motivos em *strass* são coloca-



dos de cada lado do chapéu, aumentando assim o seu ar de elegância com as luminosidades suaves de tão pequeninos motivos.

Queridas leitoras, aproveitem este lindos modelos com a certeza da sua parisiense elegância, tanto nos seus conjuntos admiráveis como nos seus cortes requintados.

MADemoiselle X.



CARTA DE PARIS

DESDE que fui ver a colecção dos vestidos de crianças, fiquei encantada com a graça e gentileza dos pequeninos manequins. Se tu ao menos tivesses podido acompanhar-me, terias ficado tão embaraçada como eu para fazer uma escolha ajuizada.

Para o casamento da tua amiguinha, envia-te o modelo em tafetá rosa para as meninas do cortejo. Fácilmente tu o poderás mandar executar noutras cores.

Um dos pequeninos vestidos que eu vi era no mais lindo tom de verde-água que se pode imaginar.

Dois folhos sobrepostos são contornados por uma *ruche* que segue as largas pontas recortadas.

O corpo, justo e liso, é decotado em redondo e enfeitado com a mesma guarnição, assim como as mangas. Uma graciosa roseta na cintura completa a simplicidade gentil deste vestido.

Para uma criança mais pequenina, eis um vestido todo direito, franzido no decote e caindo à vontade.

Este é igualmente recortado e com um galão franzido enfeitando as pontas, assim como o decote e mangas.

Tu vês bem que basta muito pouco, havendo bom gosto para se fazer lindos e encantadores vestidinhos.

Mas mudemos de assunto.

Estou encantada com o progresso que se tem feito com o uso do *caoutchouc*.

Matéria dura e ingrata, eu tenho um impermeável feito como os mais lindos casacos de seda e verdadeiramente tão elegante como estes.

O que está igualmente em evolução são os fatos de banho. É evidente que ainda é cedo para conversar sobre eles; ninguém pensa tão cedo na água fria...

No entanto, vi um destes dias uma tão linda colecção de toucas de banho que não me posso impedir de l'as mencionar. Falar-te-ei disto mais largamente em tempo oportuno.

E agora, minha querida, até breve. Vou terminar desejando que passes agradáveis dias e que creias na estima afectuosa da tua tia

NUELMA.



M A L A S E BASTOS SILVA, L.^{DA}
CARTEIRAS
ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81



Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um HOTEL PORTUGUÊS, cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame. É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

V O G A

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

Não podia ter sido mais lisonjeiro o êxito obtido pela brilhante iniciativa da *Voga*, tanto entre o comércio como na sociedade elegante.

A afluência de concorrentes ao Salão, é não só considerável, como superior ao que esperávamos, sendo certo que nem todos os pedidos se podem satisfazer, pois o Palácio Nacional das Belas Artes, sendo grande, não pode comportar o número de *stands* que seria necessário para atender todo o comércio.

Quási metade do número de *stands* de que dispomos já está ou vendida ou apalavrada.

Algumas das nossas melhores casas de Modas, acorreram imediatamente aos nossos escritórios em busca de pormenores e esclarecimentos, e de tôdas ouvimos aplausos entusiásticos à nossa obra, cujo triunfo está plenamente garantido.

O próximo número da *Voga* já insere a lista de alguns dos expositores e novas e sensacionais revelações.

Diremós, porém, desde já, que um dos aspectos mais curiosos do formoso e importante certame, será a representação de casas estrangeiras.

De vários países virão expositores, o que assegura ao Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas uma importância até internacional.

Os trabalhos a que já estamos procedendo para a decoração do palácio das Belas Artes durante o grandioso festival, asseguram uma curiosa demonstração de arte moderna.

O vasto salão principal terá um aspecto absolutamente inédito e caprichoso, o que vai constituir um dos êxitos do certame. Tôda a organização dos *stands* obedece a um plano geral, o que garante uma formosa visão de conjunto, equilibrada e harmónica.

A própria decoração interna dos *stands*, será fiscalizada de modo a assegurar um aspecto estético, fundamental num certame que é não só um grande acontecimento comercial como um real acontecimento artístico.

Tudo isto nos consente o garantir ao público e ao comércio um espectáculo como nunca até hoje se realizou entre nós, o que vai ser, como já havíamos afirmado, o passo definitivo para a modernização do nosso comércio, e a sua completa libertação de aqueles proces-

Nos nossos escritórios,
RUA ANCHIETA, N.º 25,
encontra-se desde já aberta
a inscrição para este grandioso certame e prestam-se todos os esclarecimentos necessários

V O G A



SALÃO DE ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS

Os STANDS DO SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS DESTINAM-SE ÀS SEGUINTESS SECÇÕES:

- A — ALTA-COSTURA — CHAPÉUS — ROUPA DE SENHORA — PERFUMES E ARTIGOS DE TOILETTE — CALÇADO — LUVAS.
- B — AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS — ARTIGOS DE NATAÇÃO, TENNIS, GOLF E OUTROS SPORTS.
- C — MOBILIÁRIO DE CAMPO E PRAIA — BIBELOTS E OUTROS ARTIGOS DECORATIVOS — TAPETES — ROUPA DE CASA — ARTIGOS CASEIROS.
- D — ARTIGOS DE VIAGEM.
- E — FRIVOLIDADES (ARTIGOS DE PARIS).
- F — TECIDOS E RENDAS.
- G — FATOS DE CRIANÇA.

V O G A

E' uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

sos rotineiros que o atrofiavam e diminuam.

É justo, pois, insistir na urgência, sempre crescente, de não demorarem as inscrições, tanto mais que, como já dissemos, só podemos dispor de metade dos *stands* que possuímos, em vista do grande número de pedidos que já atendemos e estamos atendendo.

As condições de admissão continuam patentes nos nossos escritórios às horas já indicadas, onde também são prestados todos os esclarecimentos.

Como também já dissemos, estamos estudando a maneira de interessar todos os artistas portugueses na obra magnífica que é o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas.

Assim, entre outras coisas, o catálogo da exposição será um primor gráfico e decorativo.

Aconselhamos o comércio a que não deixe de interessar os nossos artistas novos nos reclames que queiram fazer para este certame, para que, em tudo, ele constitua um assombroso êxito artístico, coroando um grande acontecimento comercial, uma obra notável e benemérita, digna, inteiramente, do apoio de todos e de geral simpatia.

A *Voga*, cuja existência representa um alto serviço prestado às senhoras portuguesas, pretende ser a *animatrice* da vida feminina.

A sua expansão, o seu admirável aspecto gráfico, a sua colaboração sempre da melhor qualidade e actualidade, e ainda a exiguidade do seu custo, verdadeiro sacrifício nosso, tudo isto demonstra que não estamos longe da nossa pretensão.

É que nós bem compreendemos as exigências da vida moderna, requintada e magnífica, e estamos dispostos a todos os sacrifícios, compatíveis com as nossas forças, em prol de bem servir as senhoras de Portugal, servindo, ao mesmo tempo, o comércio que as serve.

Enfim, o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas, sendo o triunfo do comércio, será um grande êxito do semanário

V O G A

Que, portanto, todo o comércio de Lisboa requesite um STAND para este inédito e notável SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS promovido e organizado pela

V O G A

INAUGURAÇÃO

EM 15 DE MAIO

OS NOVOS PENTEADOS

O penteado tem sido em todas as épocas a preocupação máxima de todas as mulheres. Os cabelos são a moldura do rosto. Aureolando-o de ouro fulvo, ou de negro azulado, eles são o complemento da beleza feminina.

A fantasia nos penteados sempre tem existido.

Ao surgir a moda dos cabelos curtos julgou-se por momentos terminada toda a elegância e variedade com que o penteado vinha exuberantemente evoluindo desde séculos.

As três fitas com que as gregas prendiam os ondulados cabelos, a águia com que as rainhas egípcias davam ao perfil um recorte magestático, os «sacarrôlhas» da época romântica, o «Maria Antonietta», o «D. Maria II», o das «preciosas» do século XVIII, o encaracolado miúdo das mulheres persas e o penteado sóbrio à «Maria Stuart» encontraram nos modernos cabelos curtos sucessores dignos de tão brilhante ancestralidade.

Nem sempre a moda feminina, caprichosa e muitas vezes com o seu grãozinho de insensatez, produziu penteados de inegável beleza. Ocasionalmente houve mesmo em que a moda feminina primou pela incomodidade, como por exemplo com esse celeberrimo penteado *aux charmes de la Liberté*, em uso durante a Revolução francesa, e o qual deveria ter os seus trinta centímetros de altura: nêle surgia toda a casta de ornatos desde as plumas até às flores e passaros, transformando a cabeça de quem o usava num



autêntico andor da procissão... da loucura...

Mas, valha a verdade, descontados todos os exageros que a Moda se tem lembrado de apresentar às suas fieis seguidoras, surgem às vezes penteados que são verdadeiros mimos de graça e de beleza. O mais formoso de quantos surgiram no século passado foi, sem dúvida nenhuma, o penteado à D. Maria II, e ainda hoje velhas miniaturas românticas mostram perfis adoráveis de lindas mulheres exibindo farto e anelado cabelo caído em cachos de ambos os lados do rosto e dando àquelas formosas criaturinhas, enlevo de nossos avós, um encanto e uma graça inexprimíveis.

O espírito moderno, perspicaz e arguto, multiplicou a maneira de nos pentearmos. Assim temos hoje o cabelo à «Ninon», à «garçonne», à «Joãosinho», à «lord Byron» e a infinidade linda de caracóis e pastas na testa, ou esta completamente descoberta, que nos dá o ensejo tão agradável de podermos escolher o penteado conforme nos fica bem, ou variá-lo a ponto de cada dia nos pentearmos duma maneira diferente.

Por última palavra temos o penteado que a nossa gravura representa, última criação que a tão caprichosa moda deliberou ser o penteado de momento.

É uma pronunciada variante a que os cabelos curtos favoravelmente se adaptam, pois este penteado é fantasista e lindo.

LIDIA.

QUE esta imensa vaidade me seja perdoada... Mas, depois do Sol que nos aquece e alumia, Deus nada criou mais belo do que uma mulher!... Bem sei que certo poeta, visita cá de casa, logo dirá serem as flores émulas do sexo frágil pela sua gracilidade, pelo encanto que de si desprendem, pela incontestável e delicada beleza e até pelo perfume, capitoso e aliciante, do seu vulto airoso... Tolices de poeta e nada mais! Que eu saiba, não há flores com trinta anos de perene beleza, nem tampouco os museus da terra guardam avaramente dentro de si sonhos de pintores e escultores que em rosas e açucenas se tenham corporisado!... Tolices de poetas que certo filósofo, antigo e célebre, queria que fossem coroados de rosas e postos com guia de marcha para fora do território da República... Mais belo que uma mulher... só duas mulheres. Esta é que é a verdade e o mais é asneira!...

...A não ser que se pertença ao número das filhas de Eva, e, nesse caso, mais belo do que a mulher... só um homem!

Infelizmente, porém, nos dias de hoje, a eterna inspiradora do homem parece ter esquecido em absoluto a missão que lhe incumbe. A mulher moderna vive entre dois exageros, dois lamentáveis e descaracterizantes exageros. Sirvam de testemunhas estas duas revistas que, perante mim, abrem as suas páginas. Numa, a propósito de certo concurso literário, vejo que centenas e centenas de representantes do sexo fraco enviaram a essa tal revista as suas produções novelescas no intuito de ser célebres, faladas e reproduzidas na besbilhotice das colunas da imprensa. Só a raríssimas filhas de Eva foi concedido o precioso dom de escrever, e eu leio com enlevo e surpresa as cartas da Sevigné, os versos duma Rosália de Castro, ou os duma Desbordes-Valmore... Mas as mulhe-

CRÓNICA DA SEMANA LITERATAS E DESPORTISTAS

res de hoje querem ser todas escritoras... Deus lhes perdoe e vamos nós ao resto...

Feito o apuramento final, certo membro do júri, — coscovilleiro e médico ao mesmo tempo — ao ser entrevistado acerca do concurso, declarou que, a quasi totalidade das novelas recebidas tivera a inspiração, sem ilusão possível, o despudor, o uso dos estupefacientes, os pruridos de revolta sufragista e a guerra ao homem. «A grande maioria das escritoras esqueceu-se de ser mulher», concluiu o tal médico, por sinal plúmbeo de raro talento.

Eis o primeiro e desagradável exagero da mulher do meu tempo.

O segundo exagero, — tão lamentável como o primeiro! — apresenta-o esta revista alemã: *Sport im Bild*, num dos seus últimos números.

O desporto apoderou-se — ou, pelo menos ameaça apoderar-se — inteiramente da mulher. Há criaturas do sexo frágil que se dedicam com paixão à esgrima, ao soco — santo Deus! — e até à luta greco-romana. Os resultados de tão monstruosa aberração em breve se tornam patentes. Aquilo que até ali fora um conjunto de perfeições e de equilíbrio, transforma-se rapidamente, mercê do desordenado exercício físico, em massas de carne e de musculo. O pescoço, — haste delicada que sustinha até então uma flor cor de rosa e ouro! — enterra-se nos ombros; os braços, que era de uso e costume comparar a torneadas serpentes de marfim, salientam massas musculares que a Beleza mandaria inexoravelmente estivessem para sempre escondidas; o seio — berço da Humanidade

como Castelar lhe chamou em tempos! — achata-se e desaparece; as pernas adquirem o vulto disforme e inestético de dois pedaços de gibóia. Carregam-se as feições, achata-se o nariz, alarga-se o rosto... As mãos, essas então, é possível que melhores as tenham certos carregadores e magarefes!...

Em resumo: dois lamentáveis, dois absurdos e descaracterizantes exageros.

Ora os antigos, que nestes assuntos de educação disseram porventura as coisas mais basilares e insofismáveis, afirmaram não se fazer possível haver almas sãs quando os corpos não fossem igualmente sãos. Quer dizer: a mulher precisa pois, também, de cuidar da sua educação física e espiritual. De pais sãos de corpo e de alma, raro é provirem monstrosinhos físicos ou espirituais. Bem está, pois, que a mulher cultive também a alma e o corpo, tanto mais que, para desgraça das filhas de Eva, não tendo o sexo forte coragem para dar à luz, é à mulher que foi destinado passar por essas verdadeiras forças candinas... E digam depois que as mulheres não são corajosas!... Mas vamos ao que importa: essa cultura, física e moral, tem moldes e princípios imutáveis. A cultura do espírito feminino não se faz imitando o homem: faz-se sim, permanecendo mulher em toda a acepção da palavra. Recorrer à falta de pudor, ao uso de excitantes, ou às balelas sufragistas, é encaminhar os passos da mais bela criação divina para a derrocada final da mulher: o desvirtuamento da beleza es-

piritual, a abdicação dum lugar inconfundível e formosíssimo. Praticar desportos que não tendam a realçar o encanto feminino e a dar-lhe a saúde e a beleza das estatuas das Deusas da velha Helade, é criar um novo ser, paródia miserável e ridícula da Eva criada por Deus! Passará a existir então um ser que, não sendo nem mulher nem homem, é uma autêntica monstruosidade!...

A mulher não foi criada para o box, mesmo porque, — a não serem certas fidalgas da Praça da Figueira — não levaria a melhor com o homem... A luta greco-romana, tornando a mulher um aborto musculado e taurino, só lhe poderá grangear risota por parte do Adão de todos os tempos.

O «foot-ball» enchê-la há de negras nas pernas e de micróbios nos pulmões. A esgrima poder-lhe ia dar talvez elegância, esvelteza... Mas isso consegue-se com ginástica apropriada e muito mais profícua... Estão ao dispor da mulher a ginástica respiratória, a natação, o tennis, etc. Para quê, pois, a esgrima, se, de mais a mais, nenhum homem aceitaria bater-se com uma mulher, a não ser no terreno neutro, trocando o florete por um galanteio e os botes irresistíveis da esgrima pelos olhares, tão incendiários e eficazes desde os tempos imemoriais do Eden Terreal?

Não nos deixemos cair na miséria da masculinização do corpo e da alma. Pratiquemos a ginástica física e espiritual mas que as mulheres permaneçam mulheres deixando o homem no campo que lhe foi atribuído... A mulher não deve ser nem ignorante nem tampouco um poço de doença. Mas, também não deve querer ser aquilo para que não foi criada...

...Porque, isto de mulheres-homens... só as sogras!

ROSA TIRANA.

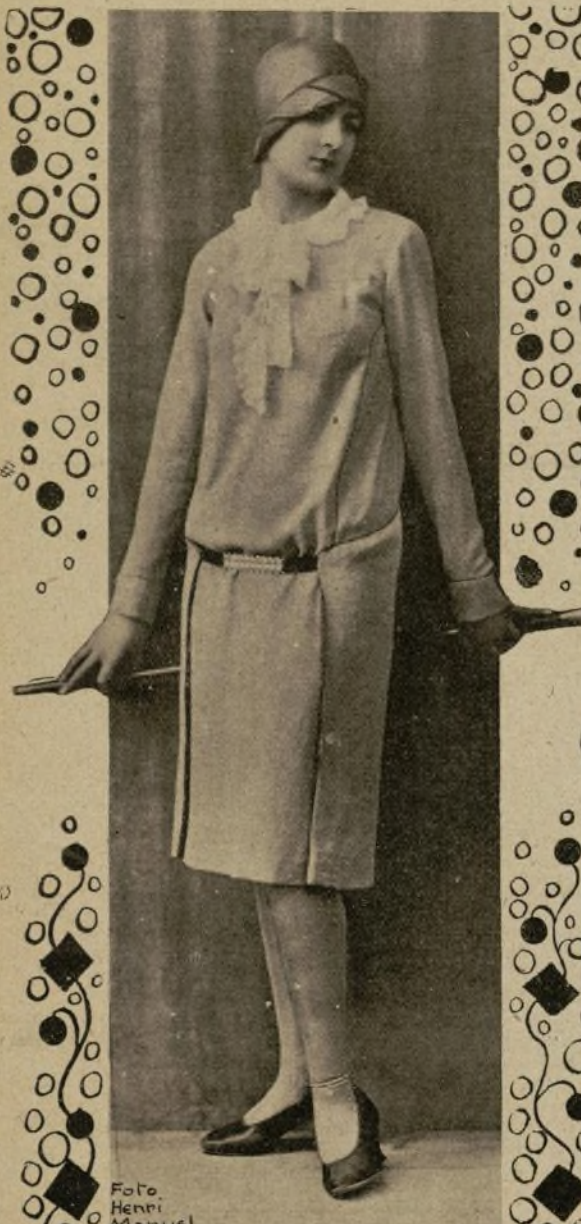


Foto Henri Manuel

Vestido em georgette de la beige, gola em crepe da China. Criação Lydia



Foto Henri Manuel

Vestido em crepe da China turquesa com bordados no mesmo tom e saia plissada. Criação Herbin



Foto Scaroni

Vestido de casaco em Jersey verde claro, sweater de fantasia, verde e cinzento. Criação Pivolo



Foto Scaroni

Vestido em crepe da China de fantasia, bege e azul marinho. Criação Amy Linker



Foto Manuel

Vestido em crepe da China de fantasia e crepe liso



Vestido em tafetas rosa, barra e incrustações rubi. Criação Moralo Miller

Foto Henri Manuel



Chapéu em palha branco, enfeitado com um grinaldo de flores brancas e pretas

Foto Carlos Marson



Chapéu em feltro vermelho com um lindo motivo de strass. Criação Chenault

Foto Henri Manuel



Foto Henri Manuel

Vestido em crepe georgette de fantasia, preto e branco, enfeitado a crepe preto. Criação Amy Linker

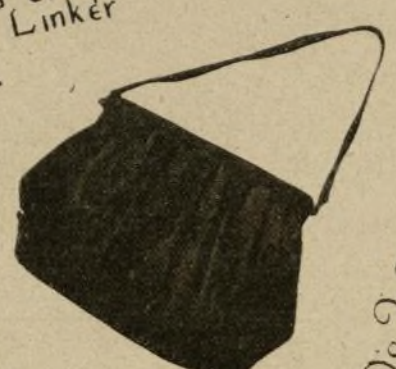


Foto Scaroni

Vestido de noite em musselina de seda rosa, bordado a strass. Criação Lucien Lelong



Chapéu em palha de Itália, aba em palha brilhante no mesmo tom. Criação Alexis

Foto Henri Manuel



Chapéu em palha 'vicux rose' com fantasia de plumas. Criação Morthe Rivière

Foto Henri Manuel

Modelos Nacionais: lindo saco de mão, modelo da casa Joaquim Costa Lda

Modelo de "box-coll" Modelo Lucien Lelong

Modelos Nacionais: original saco de mão, modelo da casa Joaquim Costa Lda

Casaco de meia estação em telenor, verde e 'bois de rose'. Criação Fleuveur

Modelos Nacionais: original saco de mão, modelo da casa Joaquim Costa Lda

CULINARIA

BACALHAU ASSADO NO FORNO

Cose-se o bacalhau cortado em postas e, depois de cosido, colocam-se as postas numa travessa de ir ao forno com azeite, manteiga, dentes de alho picados, pimenta, suco de limão e miolo de pão ralado; em seguida leva-se ao forno a assar.

EIRÓS PANADA COM MOLHO TÁRTARO

Amanha-se a eirós, lava-se, corta-se-lhe a cabeça e esfolia-se. Corta-se em seguida em bocados de cerca de cinco centímetros de comprimento, que se metem numa caçarola com bastante manteiga, dois dentes de alho esmagados, cebola picada, sal e pimenta.

Leva-se a caçarola ao lume até alourar a cebola, cerca de dez minutos; os bocados de eirós passados neste refogado são tirados, envolvidos em pão ralado, e seguidamente, em ovo batido e depois novamente em pão ralado e postos sobre a grelha canelada a assar, rolando-as sobre as caneluras, para passarem por igual. Depois de assadas servem-se com molho tártaro, que se faz da seguinte maneira:

MOLHO TÁRTARO

Deita-se numa vasilha de loiça, larga e conca, um pouco de mostarda branca (emprega-se geralmente uma mostarda em lata já preparada e que é um pouco amarelada) um golo de bom vinagre branco ou sumo de limão, no qual se desfaz a mostarda formando um polme; tempera-se com sal fino e pimenta e junta-se-lhe depois uma gema de ovo que se desmancha e incorpora, formando um molho grosso.

Sobre esta mistura deixa-se cair gota a gota ou em fio muito fino, azeite muito bom, para o que se emprega um funil de folha de Flandres tendo na parte aguçada, um burquinho quasi capilar. A proporção que o azeite vai caindo sobre o molho vai-se batendo este fortemente, da direita para a esquerda com um garfo de pau para bem incorporar o azeite com ovo e temperos. A mistura vai assim engrossando sucessivamente chegando a tomar consistência gelatinosa. Nessa altura mistura-se na massa um pouco de salsa finamente ficada e algumas alcaparras.

LAGOSTA COM MOLHO HOLANDÊS

Amarra-se a lagosta e mete-se em água fervente, temperada com vinagre e sal, na qual se deixa permanecer por vinte e cinco a trinta minutos.

Depois de cozida, deve abrir-se pelo lombo para se lhe tirar uma tripa escura que, se entrasse nas diferentes preparações as tornaria indigestas.

Depois da lagosta cozida serve-se com molho holandês que se faz da seguinte maneira:

MOLHO HOLANDÊS

Põe-se numa tigela cento e vinte e cinco grama de boa manteiga, dois decilitros de leite, três gemas de ovos e uma porção de sal fino, ao paladar. Coloque-se a tigela sobre a boca de uma caçarola com água, a qual se põe ao lume, formando uma espécie de banho-maria; mexe-se a mistura continuamente com uma colher ou espátula de pau até incorporar os diferentes elementos. Depois de feita a incorporação e na ocasião de servir o molho, acrescenta-se à mistura um pouco de sumo de limão e algumas alcaparras de conserva.

DOCES
E
COSINHADOS
Receitas escolhidas
por ISALITA
Um volume encadernado
com 351 paginas
Escudos 25\$00

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

CONVERSAS
MÉDICASOS CUIDADOS
A DISPENSAR
ÀS CRIANÇAS

CURAR as doenças é bom, evitá-las é melhor. — Este aforismo, cuja verdade não precisa ser demonstrada, explica suficientemente a oportunidade destas conversas num jornal destinada a um público feminino.

A quem pertence realmente o cuidado de evitar as doenças da família, observando as regras da higiene, senão à mulher, à mãe?

Acaso nos dirigimos ao médico para compôr os menus das nossas refeições, ou para resolver o problema do aquecimento das nossas casas? É ele que escolhe a casa que habitamos, ou que examina a água que bebemos? Ouvimos-lhe a opinião sobre o mobiliário do quarto das crianças? Consultamo-lo diariamente sobre os vestuários que elas devem trazer? Numa palavra, é o médico ouvido a propósito dos mil pormenores da existência quotidiana, esses pequeninos pormenores sobre os quais incidem justamente as prescrições e as proibições da higiene? É visto que todos estes cuidados devem ser o apanágio da mulher, é indispensável que ela conheça bem esta ciência útil entre todas: «a ciência da saúde».

É com o fim de ensinar os seus princípios que a Voga reservará, pelo menos uma vez por mês, um lugar às «Conversas médicas».

Não nos propomos fazer aqui um tratado de medicina propriamente dito, escrevendo artigos científicos com grandes palavras inteligíveis só aos iniciados; falaremos simplesmente em termos que possam ser compreendidos por todos, e em tudo que tenha um interesse geral: regime alimentar, aquecimento e ventilação das habitações, vestuário, águas potáveis, banhos, hidroterapia, exercícios físicos, etc., etc. Ensinaremos às mães a distinguir nas crianças as indisposições das doenças, a reconhecer os primeiros sintomas duma afecção contagiosa para assim poderem preservar as outras, imediatamente e preventivamente antes da chegada do médico que muitas vezes é chamado demasiado tarde, sendo já inútil a precaução que ele poderia ter aconselhado. Insistiremos sobre as desinfectões a fazer depois duma difteria, uma escarlatina, etc. Indicaremos todos os cuidados de que se deve rodear a criança desde a sua mais tenra idade, tanto no estado de saúde como na doença; ocupar-nos-emos, enfim, de tudo que diz respeito à sua educação física.

Assim preparada para todas as eventualidades, a mulher adquirirá — e isto só por si é precioso — o sangue-frio, a presença de espírito, tão indispensáveis às mães em face dos acidentes, pequenos ou grandes, que tantas vezes atingem os seus entes queridos. Quantas vezes vemos nós, uma mãe endoidecida diante de um filho ensanguentado ou queimado, aumentar com a sua agitação a desordem, o terror do pequeno ferido, gritando, gesticulando no meio dos que a cercam, dando ordens contraditórias, experimentado simultaneamente os mais diversos tratamentos e muitas vezes bem estravagantes, enquanto, com um pouco de sangue-frio, socorro e bom senso, ela teria aliviado eficazmente aquele cujos ferimentos só agravou com a sua exaltação.

Enquanto se espera pelo médico vale mais nada fazer, do que fazer o que e não deve.

A cirurgia moderna é coisa, não direi tão fácil, mas tão simples que, uma vez compreendido dos seus princípios não se cometerá erro na aplicação dum primeiro penso, e assim o médico, ao chegar, não encontrará a ferida irritada e muitas vezes a cura comprometida pela intervenção intempestiva de uma boa vontade ignorante. Oh! a boa vontade, todas as mães a têm!

Nunca as crianças foram mais amimadas, mais aduladas do que hoje, mas a ternura de que as cercam nem sempre é perspicaz nem judiciosa. Vê-se frequentemente estes entesinhos adorados, rodeados de demasiadas precauções, cheios de medicamentos fortificantes ou purgativos, terem peor saúde do que se tivessem sido tratados com um pouco de menos zelo. Muitas pessoas «experientes» têm no seu

saco mais joio que trigo, mais preconceitos que práticas úteis, e a sua influência na família nem sempre deixa de ser inconveniente, sobre tudo quando os seus conselhos se dirigem às jovens mães que ainda não tiveram tempo de formar as suas ideias pessoais e se acham pela primeira vez em presença de inúmeras dificuldades a resolver.

Que berço escolher? Que enxoval fazer? Como se deve vestir, lavar, deitar um bebé? Como assegurar-se de que está bem alimentado? Que importância atribuir às suas pequenas indisposições?

Nós esclareceremos todos estes pontos, lutaremos com as teorias que já ouvimos enunciar — com uma convicção e uma autoridade que seriam divertidas se os resultados não fossem desastrosos — por pessoas aliás inteligentes e pertencendo muitas vezes à classe chamada culta. Ouvimos diariamente coisas singulares que são bem acolhidas por muitas pessoas que têm o defeito de se deixar seduzir ou persuadir pelo tom perentório duma afirmativa ridícula. Algumas vezes os conselhos do médico são suplantados pelos dum moralista. É sobretudo no momento da doença que as crianças bem educadas se conhecem, isto é aquelas que desde o nascimento foram submetidas a uma regra e



uma disciplina. É neste momento que as mães bemdirão da sua sabedoria e do seu método, vendo que, a pesar dos seus males, os filhos conservando o hábito da obediência e docilidade, poderão ser tratados e por consequência poderão salvar-se. Creiam na experiência dum prático! É preciso fazer lembrar às mães as palavras de La Rochefoucauld: «Il n'y a que les personnes qui ont de la fermeté qui puissent avoir de la véritable douceur!»

Nós nos esforçaremos por ser úteis às nossas leitoras, falando aqui de todos os assuntos gerais que possam interessar a sua saúde e a de seus filhos.

DR. Z.

JOAQUIM COSTA
MALAS E CARTEIRAS

Os modelos portugueses que apresentamos na nossa página central e os quais, como as nossas queridas leitoras poderão ver, rivalizam em beleza e elegância com o que de melhor lá fora se fabrica, são da acreditada casa Joaquim Costa, a maior fábrica de objectos do género em Portugal.

FABRICA: — Travessa do Fala-Só, 20 (pre-dio todo).

ESCRITÓRIO: — Rua da Gloria, 21, 2.º.
Telef. C. 3259 — LISBOA.

BELEZA

AS MANCHAS DA PELE

A beleza da pele é o que mais contribui para a harmonia do rosto. Por mais lindas que as feições sejam, necessitam sempre duma pele lisa e macia para o conjunto suave dum lindo rosto. Aparecem, por vezes, manchas avermelhadas ou escuras, que bastante prejudicam e desgostam.

Pode empregar-se para combater esse terrível inimigo da beleza feminina, água oxigenada a 20 volumes, misturada com perborato de soda.

Esta mistura tem um grande poder antiséptico e a sua acção descorante é igualmente muito grande. Este preparado dá ao rosto uma suavidade e beleza extraordinárias. No dia seguinte deve friccionar-se a pele com um pouco de glicerina.

Damos também uma loção para as manchas da cara:

Alcool de alfazema.....	60 gramas
Borato de soda.....	20 »
Bicloreto de mercúrio.....	1 »
Água.....	240 »

Além destas manchas ocasionais há outras mais teimosas e irritantes: são as sardas.

Este género de manchas é difficilimo de fazer desaparecer.

O preparado de que vamos dar a receita é um bom remédio contra as sardas, tão desagradáveis e maçadoras:

Acido clorídrico medicinal.....	20 gramas
Leite de ruibarbo.....	200 »
Glicerina neutra.....	120 »
Cloridrato de amoníaco.....	40 »

Mistura-se tudo, devagar e, com um pincel pequenino, tocam-se com esta mistura as sardas todas as manhãs.

Nota — O leite de ruibarbo é feito da seguinte maneira: Esmaga-se ruibarbo num almofariz e, depois de espremido, filtra-se o sumo. Antes de se empregar acrescenta-se um pouco de alcool.

OS DEZ MANDAMENTOS DA BOA SAUDE

Em todas as escolas primárias do Estado de Illinois, nos Estados Unidos da América, acaba de ser afixado o seguinte quadro impresso, a que os americanos chamam os *Dez mandamentos da boa saúde*:

Primeiro — Trata dos teus dentes sempre depois de cada refeição, lavando também a tua boca.

Segundo — Bebe tanta água quanta queiras, contanto que não estejas suado nem a água seja inquinada.

Terceiro — Vive ao ar livre todo o tempo que puderes.

Quarto — Inspira sempre pelo nariz, expirando depois pela boca.

Quinto — Faz com que as janelas estejam sempre abertas de dia e de noite, mas não te deixes ficar nas correntes de ar.

Sexto — Toma muitos banhos.

Sétimo — Faz todos os dias meia hora de exercício físico ou um passeio a pé, de preferência ao sol.

Oitavo — Nunca te exaltes, nunca te zangues, mostra-te sempre calmo, alegre ou satisfeito.

Nono — Não tenhas medo de rir. Ri, ri, ri sempre, tanto quanto puderes.

Décimo — Nunca te convenças de que estás triste ou que és infeliz.

Tais são os célebres *Dez mandamentos da boa saúde* que, na opinião dos habitantes da livre América, são tudo o que basta para fazer extinguir a existência dos médicos e farmacêuticos adjuntos à profissão...

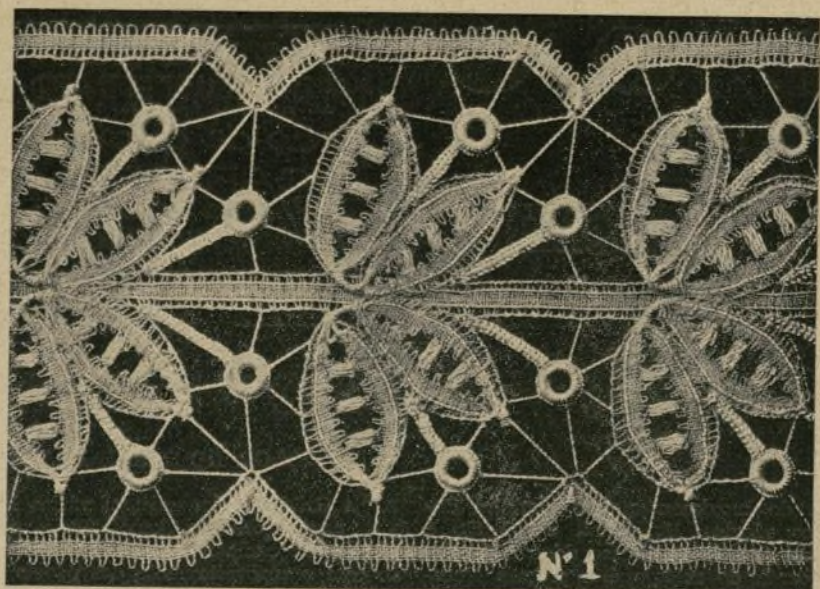
Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35

Novas instalações



Há já vários números tratámos aqui destas lindas rendas. Lindos modelos e também vários «lacets» dos variados que existem, demos noutro número para maior facilidade de execução e mesmo melhor compreensão por parte das leitoras menos identificadas com este género de rendas.

Hoje voltamos de novo a tratar destas rendas tão mimosas e que tão grande interesse têm despertado em todo o mundo.

Cinco lindas rendas de uma graça e relevo extraordinários, apresentamos às nossas leitoras com o interesse, assás, justíssimo, de as ajudar.

No seu íntimo desejo em tornar o lar um

guida corta-se o «lacet» que simula folhas, em dois a dois motivos ligados, que se põem lado a lado cosidos com pontos muito miudos caseando-se a pequenina haste que dobra.

Depois das folhas assim preparadas, colocam-se sobre o «lacet» central a quatro e quatro formando flores.

As pequeninas ilhoses caseadas, são igualmente feitas à parte e depois colocadas no entremeio, de onde partem as «barretes» que ligam «lacets», folhas e ilhoses num encantador entremeio digno de figurar em qualquer dos ornamentos delicados com que o lar é habitualmente enfeitado.

No entremeio n.º 2 as flores são feitas com

BORDADOS E RENDAS

RENDAS RENASCENÇA

relêvo e uma graça admiráveis. Esta renda é trabalhada com o «lacet» usual e o «lacet» de folhas miudas.

Depois do tule e o «lacet» estarem alinhavados

Esta é uma das rendas Renascença mais lindas e originais. O tule torna-a leve e flexível e dá-lhe a graciosidade requintada de um modelo artístico e inédito.



sobre a lustrina de algodão, previamente desenhada, liga-se definitivamente o «lacet», que contorna as pontas e que faz a ourela, ao tule

O n.º 4 é igualmente uma renda linda a que não falta a graça das «barretes», das folhas grandes e muito pequeninas do «lacet» assim fabricado, como também, um dos pontos mais característicos nestas rendas, e também um dos mais fáceis de executar.

Este ponto, como a gravura abertamente deixa ver, é feito da seguinte maneira:

Começa-se por fazer os pontos deixando umas pequeninas argolas de linha. Na segunda volta prende-se os extremos de cada novo ponto na parte central da argola resultando assim uma espécie de tule de largas malhas.

Na mesma ocasião em que se fôr fazendo este ponto fazem-se as moscas que se encontram saltadas na parte da renda que forma as pontas, e que serve de base às folhas grandes e pequenas formando graciosas flores, cuja haste é devidamente caseada.

Para quem sabe fazer bainhas abertas, o que decerto acontece a todas as leitoras, é facilíssimo saber executar o ponto em que é feita a ourela desta linda renda, pois esse ponto é um dos primeiros que se aprende pela sua simplicidade.

O processo de fazer estas rendas é sempre o mesmo e, portanto, fico certa de que as leitoras não encontrarão dificuldades para as executar.

O nosso modelo n.º 5 é feito com «lacet» muito estreito o que dá a esta linda renda para «napperon» um carácter particularmente original.

A elegância das folhas e hastes é dada pela flexibilidade do «lacet» de largura exígua e diminuta.

Nada de novo tem esta renda a explicar que não se tivesse feito nos modelos já descritos. Todos estes pontos, folhas e flores são feitos da mesma maneira; simplesmente, diferem no desenho e na sua aplicação variada.

Esta renda fará uns lindos «napperons» para quarto de dormir ou «toilette». O centro deve ser em seda, branca ou de cor, conforme a preferência das nossas leitoras.



verdadeiro mimo de graça, arte e comodidade, está a Voga sempre atenta para resolver dificuldades e destruir impossíveis.

Estas rendas têm a enorme qualidade de ser de um lindo efeito e beleza e de uma execução tão fácil como agradável. As rendas confeccionadas com o «lacet» imitando folhas, sejam elas de grande dimensão, como no entremeio n.º 1, é de uma execução rapidíssima.

Sobre lustrina de algodão ou tela «cirée», traçam-se os contornos do desenho. Nos traços que indicam onde o «lacet» liso deve ser colocado, cose-se este com pontos miudos. Em se-

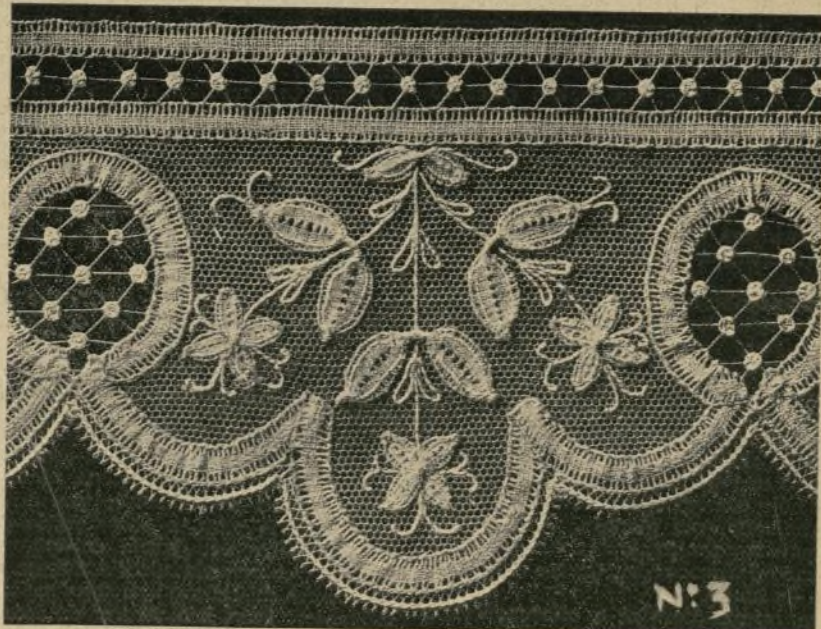
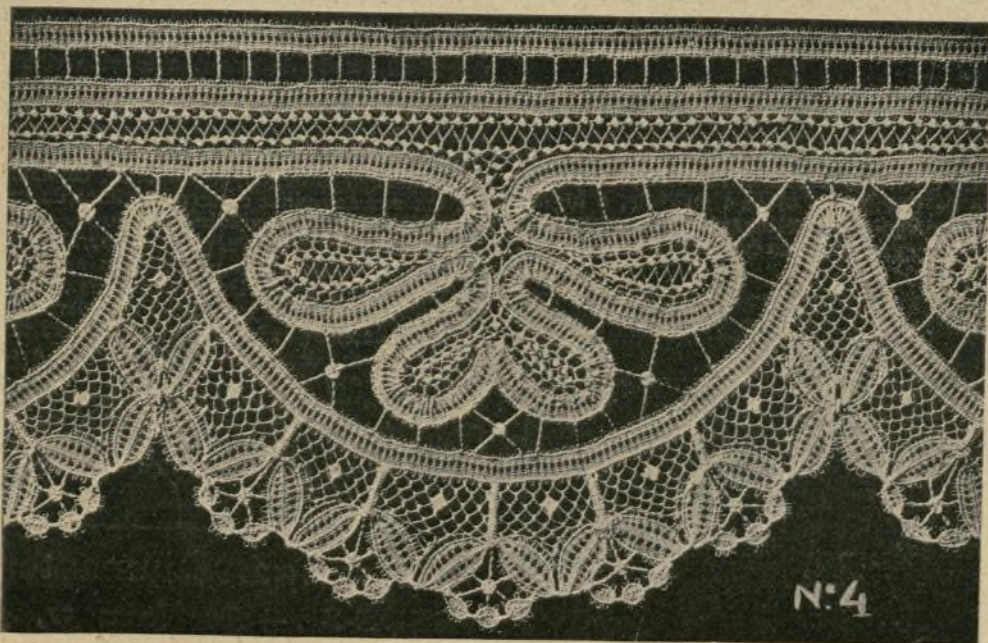
o «lacet» liso que se franze ligeiramente ou se dobra, conforme o desenho necessitar.

Depois do motivo central estar completamente formado fazem-se as flores que são executadas com o «lacet» de folhas miudas e colocam-se, ligando-se ao motivo principal por «barretes».

Trabalha-se então o centro das folhas do motivo principal que é uma haste muito delgada e pequeninas folhas, mas estas feitas com a linha com que se trabalham estas rendas.

O n.º 3 é um género de renda completamente diferente. É feito sobre tule, o que lhe dá um

com ponto «pé de flor» muito miudo e justo. O bordado que se faz sobre o tule é trabalhado com as folhas de «lacet» maiores e mais pequenas, sabiamente misturadas, e ponto «pé



de flor», único que entra na confecção desta tão linda e vaporosa renda.

As rosetas que ladeiam o motivo principal são executadas passando linhas obliquas e horizontais. Nos pontos em que se cruzam as linhas, fazem-se umas pequeninas moscas que se trabalham em roda passando a agulha ora por baixo, ora por cima, das linhas previamente traçadas.

Se se desejar pôr o centro em cor deve-se escolher a que predominar no quarto, isto é, aquela em que este estiver adornado.

Eis pois queridas leitoras lindos modelos que a vossa sensibilidade femininamente artística não deixará de apreciar e executar no anseio louvável e justíssimo de fazer do lar um ninho de encanto, beleza e... íntima felicidade.

BERENICE.

Quem no seu lar possui a VOGA, o MAGAZINE BERTRAND e a ILUSTRAÇÃO, — tres grandes revistas modernas e únicas no genero em Portugal — dá mostras de ser uma creatura do mais requintado bom gosto.

ECOS E COMENTÁRIOS

A T. S. F. E AS AVES

A T. S. F. ameaça converter-se num grave perigo para as aves. Segundo as experiências feitas, há pouco, por alguns sábios alemães, as ondas hertzianas vão tornar-se fatais para a existência daqueles animais, os quais desertarão, em massa, dos pontos onde os postos da telegrafia sem fios são em grande número.

Quem destruirá, então, os insectos nefastos à agricultura? — perguntam os agrónomos, aflitos por não atinar com uma solução que realmente não se vislumbra fácil.

A MULHER E A CARREIRA DIPLOMATICA

TEM sido muito discutido, em França, um decreto, da autoria do ministro dos Negócios Estrangeiros, permitindo às mulheres a entrada, por meio de concurso, na carreira diplomática.

Esta concessão, longe de ter agradado às feministas, provocou-lhes críticas acerbas, devido à circunstância de não ser permitido, em caso algum, às mulheres, o acesso aos lugares superiores.

Um jornalista, a fim de deitar água na fervera, teve esta espirituosa boutade:

— As mulheres não tem o acesso vedado às carreiras superiores, possuindo até uma maneira elegante de as invadir e as conquistar. Basta para isso desposarem diplomatas...

UMA ESTATISTICA POUCO AMAVEL

O pó de arroz, o rouge e o bâton para os lábios nunca, como agora, estiveram tanto em voga. Raras são as senhoras ou raparigas que não trazem, na sua mala, todos os ingredientes que permitam fazer e refazer o esplendor dos seus rostos.

Um jornal alemão acaba de publicar, ainda que incompleta, uma estatística do consumo que os rouges made in Germany tem tido na Inglaterra. Só em pó de arroz e em bâtons as inglesas, esgalgadas e loiras, consumiram a bagatela de 200.000 quilos!

E quanto pesa a beleza das mulheres britânicas. Temos de concordar que esta estatística é bem pouco amável: reduzir a beleza que não se mede, que se não pesa, que não morre — a toneladas! E nem, ao menos, o diabolico e germanico autor da estatística soube diluir sua verdade consoladora: o rouge e o pó de arroz não são a beleza, mas acessórios, mas objectos de culto da beleza.

A HONRA E O MURRO

O duelo atravessa uma fase de decisiiva decadência. A antiga pugna dum cerimonial inquietante e espectacular, parece ter entrado na agonia.

O duelo à pistola que, em muitos casos só era perigoso para os padrinhos, e o combate à espada que fazia sempre correr sangue, estão sendo, ultimamente, substituídos pelas luvas de box.

Há pouco, em Londres, dois rapazes, entusiastas cultivadores dos sports, disputavam a mão duma rapariga, deselegantemente, num ring e a murro.

Nessa mesma altura um prosaico — prosaico e próspero — vendedor de ovos e manteiga em Boulogne-sur-Mer, sentindo-se gravemente lesado na sua dignidade, pelas alusões duma revista de music-hall, desagravou-se, travando com o autor dessas alusões um combate singular de box perante uma multidão composta de milhares de pessoas que estimulava os seus adversários com os mais picarescos incitamentos.

A honra hoje começa a depender dum murro forte e propinado com mestria. Um campeão de box, com esta nova grosseira moda que tende a generalizar-se, tornar-se-há, dentro em pouco, o campeão da honra.

Donde se infere que virá a criar-se, brevemente, este iníquo axioma: «dize-me até que ponto és bruto que eu te direi até que ponto és honrado».

Logo, Gêne Tunney — símbolo máximo da honra.

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

O eterno e o efemero



Eugénia:

Não calculas quanto eu invejo a tua tranquilidade provinciana. A vida está boa para se viver na aldeia. Tenho saudades da Natureza. Aqui, na capital, vive-se demais. Aos vinte anos a nossa alma sente-se velha. Embora o meu semblante apresente um aspecto juvenil e a minha cutis possua ainda a frescura da mocidade, eu sinto-me cansada, como se já por mim houvessem passado, pelo menos, quarenta anos.

A cidade oferece-nos tantas emoções que o coração não tem um momento de descanso e o cérebro, trabalhando apressada e incessantemente, faz-nos lembrar uma máquina a que se exigisse um forçado rendimento.

Enquanto aqui tudo é lufa-lufa, aí na boa aldeia tudo é calma. Imagina tu, querida amiga, que eu às vezes tenho a impressão de que o campo, o ar livre, o sol acariciador, os bosques sombrios não passam de artificios criados por algum ente caprichoso que se oculte misteriosamente aos nossos olhos. E a cidade, com os seus prédios altos, as suas avenidas, os seus «taxis», as suas ruas cheias de bulício, é que me parece um verdadeiro produto da Natureza. Dir-se-ia que vivo a vida ao contrário e que a minha existência é um contrasenso.

Aí, na aldeia, as novidades sensacionais chegam amortecidas pela distância; aqui, empolgamos-nos, agitam-nos os nervos com a mesma violência com que o tufão sacode e verga os robles gigantes.

Das inúmeras notícias que feriram mais profundamente a minha atenção nestas últimas semanas, duas houve que me impressionaram e me fizeram pensar, o que raras vezes me sucede, por carência absoluta de tempo. Não sei se aí, na provincia onde as horas são mais lentas e mais ponderadas os nossos pensamentos, tiveste ocasião de reparar nessas novidades sensacionais que as gazetas arremessaram ao público voraz em algumas ligeiras linhas de prosa efêmera. A mim, porém, não me escaparam elas. São duas notícias verdadeiramente impressionantes. Vamos à segunda, que é a de menor importância: um engenheiro qualquer inventou um relógio cuja corda poderá durar dez mil anos.

Lê-se e pasma-se. O engenho humano consegue maravilhas. Um relógio que anda, que mexe por si, com uma regularidade assombrosa é já uma das invenções que mais enobrecem a humanidade. É o homem a querer ser tão grande como Deus. Conseguir, porém, que esse aparelho não se detenha um instante, não hesite um momento durante dez mil anos é, boa Eugénia, criar um ser vivo quasi eterno, um ser mais perfeito do que o proprio Homem.

Agora repara neste pormenor que o jornal deu em duas linhas: o engenheiro inventor declarou que a corda do seu relógio não durará mais tempo — mais dez, vinte ou trinta mil anos — porque, antes da corda, gastar-se-há o relógio. Tem qualquer coisa de ridículo, mas é estupendo!

Ficará tu a meditar, a minha carta pendente da tua mão delicada, que espécie de corda será

essa capaz de movimentar um aparelho durante tantos séculos. E, afinal, a questão é simples. É a repetição do caso do ovo de Colombo. A corda do relógio é a propria Natureza. Tudo o que à primeira vista nos parece complicado e inacessível à nossa inteligência é, no fim de contas, simples; singelo, por vezes, pueril.

Tu lembraste ainda do que aprendemos na escola? Não olvidáste que o «calor dilata os corpos»; sabes que há elementos, como o mercúrio, de uma extrema sensibilidade cujo volume oscila ao sabor da temperatura. Pois a corda do extraordinário relógio é formada por um desses elementos sensíveis, que em movimento perpétuo, pertuamente movem os ponteiros. É isto apenas — e nada mais.

Mas deixemos o relógio medir o tempo, através das gerações, através das mais estranhas civilizações, através dos séculos sem fim, e vamos ao mais importante que é a moda, a moda, que ao contrário do relógio quasi eterno, procura ser fugaz como um suspiro. Vamos, querida Eugénia, ao mais importante: as mulheres vão usar calças como os homens.

Não tens uma exclamação de alegria? Não soltas um grito de libertação? Não vês, querida amiga, que o sexo feminino acaba de quebrar o último elo da cadeia que o prendia?

Nestes últimos anos produziram-se dois factos aparentemente inofensivos que contribuiram mais para a libertação da mulher do que os discursos exaltados das clássicas sufragistas ou as leis eleitorais que concedem o voto às mulheres: o corte dos cabelos e agora o uso das calças.

Tu, aí, na provincia, não tens tido ocasião de reparar nestes factos. Nas cidades é que estes acontecimentos melhor se notam. E já incalculável o impulso que o corte dos cabelos deu à mulher. Este pequeno nada contribuiu poderosamente para arrancar a mulher à situação deprimente de movel de luxo para ornamentar um lar. De cabelo cortado, sentimo-nos mais livres, mais senhoras dos nossos actos.

As calças vão agora colocar-nos num pé de igualdade perante o homem. Poderemos, como os homens, correr atrás dos electricos, frequentar os cafés, trabalhar como engenheiro nas fábricas, subir às tribunas parlamentares e defender os nossos direitos.

Estou ansiosa por que a moda chegue a Portugal para a adoptar. Nesse dia, quando envergar as calças largas, à charleston, e as prender com os suspensórios ou com um cinto de borraça, sentir-me-hei o ente mais ditoso do universo.

E tu, Eugénia, serás capaz de envergar também umas calças, pôr na cabeça um chapéu de feltro e sair à rua a tratar dos teus negócios? Coitada, vejo daqui o teu rosto triste e adivinho a tua resposta:

— Meu marido, nesse dia vestiria as minhas saias e... pedir-me-ia dinheiro para o governo de casa.

Desculpa o arrazoado desconexo da tua amiga

GRAZIELA.

AS MEIAS de LINHO
PRINTemps
rão de qualidade
— GARANTIDA —
Venda exclusiva
AUPRINTemps. R. Ivens 56-L/BOA

NOÇÕES PROVEITOSAS

O VALOR DO PAPEL PRATEADO

Na Grã-Bretanha existem vários hospitais e associações de beneficência que vivem quasi exclusivamente do rendimento obtido com o aproveitamento dos papéis metálicos, ordinariamente empregados para embrulhar chocolates, películas fotográficas, etc. Igualmente são aproveitadas tôdas as latas, o chumbo das bisnagas de pomada dentrífica e que inúmeras famílias, em vez de lançar ao «caixote do lixo», conseguem juntar durante um determinado tempo e em seguida enviam para esse hospital.

Está assim calculado que uma tonelada de papel de chumbo vale, pelo menos, quarenta e cinco libras ou seja um equivalente a quatro mil e quinhentos escudos na nossa moeda.

Um grupo de Boy-Scouts de Londres conseguiu obter meia tonelada destes desperdícios metálicos durante o ano de 1927 e contribuiu assim com uma importância equivalente ao custo da manutenção de um determinado doente durante dois meses, num dos hospitais subsidiados por esse processo.

PARA DAR A CÔR VERDE ÀS VIOLETAS

LANCEM-SE dez gramas de amoníaco ou alcali volátil num copo e juntem-se-lhes quatro gramas de água.

Mergulhando-se no líquido assim preparado, um ramo de violetas, verificaremos que perdem a cor natural e tomam a cor verde-escuro.

Esta solução de amoníaco pode ainda empregar-se para tirar nódoas dos vestidos de lã. Basta esfregar o sítio da nódoa com uma esponja molhada na solução indicada.

É um processo baratíssimo e absolutamente garantido.

A MODA DOS CABELOS CORTADOS

Um grupo de médicos americanos acaba de fundar uma «Liga contra o Corte dos Cabelos», alegando que esta operação é anti-higiênica.

Suas Excelências aconselham tôdas as suas clientes a que nunca usem os cabelos muito curtos a fim de que assim, o coiro cabeludo possa permanentemente conservar-se protegido contra as poeiras, micróbios e diferenças de temperatura sempre prejudiciais à saúde geral.

Talvez seja por este motivo que os artistas, poetas e músicos têm de ordinário uma grande aversão aos cabeleiros...

A DUQUEZA DE BERRY E OS «OMNIBUS»

Os primeiros omnibus parisienses datam de 1828 e seu êxito deve-se, principalmente, a uma mulher — a duquesa de Berry — que contribuiu com um gesto ousado e encantador para uma das mais importantes inovações do urbanismo.

Os omnibus percorriam a cidade, sem um único passageiro: as pessoas humildes cobriam-nos de insultos e acusavam-nos de toda a espécie de prejuizos e as que pertenciam às classes mais elevadas desprezavam-nos, considerando-os aviltantes para a sua categoria social.

A duquesa de Berry resolveu acabar com este detestável estado de coisas, apostando vinte e cinco luizes, com o rei Carlos X, em como era capaz de viajar naqueles carros. O rei apostou — e perdeu. E a duquesa de Berry, na praça da Bastilha, ao apelar-se do omnibus, que tomara na Madalena, entregou ao condutor, assombrado, em vez dos vinte e cinco centimos da passagem, os vinte e cinco luizes da aposta.

Após este gesto da duquesa, os omnibus iniciaram seu triunfo. Os panegiristas surgiram, ao centos, de todos os lados. Um deles chamou-lhes o «santuário da igualdade» e declarou que antes do omnibus cada bairro de Paris era uma cidade e que, depois, a cidade passou a ser uma só.

Apraz-nos registar esta história anedótica do progresso, devido não só à sua influência nos costumes como à circunstância de ter sido uma mulher quem a determinou, com sua audaciosa e deliciosa iniciativa...

Joia antiga, Diamantes,
VENDE-SE — Rua Ivens, 31, 4.º

A MAIOR DEDICAÇÃO CANINA

No Parque Municipal de Hamburgo, foi erguido um monumento, tocante de simplicidade, a um cão.

Tôda a cidade conhece a história desta glorificação, história duma rara emotividade e duma grande beleza moral:

Um musico de Hamburgo fôra um dia, com algum espanto seu, tornado célebre. Durante alguns anos viveu uma glória fácil, fértil em compensações de dinheiro, que acariciou, ao mais elevado grau, a sua vaidade de artista. Inexplicavelmente, deixou de estar em moda e rolou por uma decadência trágica. Conheceu as maiores misérias e sofreu as mais duras humilhações. Para não morrer de fome teve de arrastar uma existência de pária, tocando violino de rua em rua, e de porta em porta. Na brusca transição da celebridade para o anonimato, da opulência para a miséria, perdeu todos os seus amigos e viu desaparecer a numerosa corte dos seus admiradores. Ficou-lhe apenas o cão, o seu maior, o seu mais fiel amigo.

Quando o amo faleceu, o dedicado animal seguiu até ao cemitério o seu modesto enterro. E ficou, para sempre, deitado na sua cova, na po-

sição transmitida ao bronze do monumento, recusando, com obstinação, todos os alimentos que lhe ofereciam, até que a morte o levou.

Quantas reflexões amargas não terão feito junto do seu monumento, os visitantes do Parque de Hamburgo, sobre a maldade, a ingratição e o egoísmo infelizmente mais vulgares do que se pensa, entre os humanos?



AU PRINTEMPS
tem atelier para
confeccionar e
bordar cortina-
dos em todos os es-
tilos e dimensões.
Au Printemps" rua Jvens.56 LISBOA

Grafologia

N.º 403 — *Aimant le Sport*. — Temperamento bem equilibrado, sabendo impôr-se com energia e decisão. Rigidez de atitudes e de opinião, procurando sempre ficar vencedora, ainda que para tal tenha que aguardar pacientemente o momento mais oportuno.

Todos os traços denotam confiança em si própria, aliada a uma pequena parcela de vaidade muito pessoal, revelando-se principalmente no cuidado extremo com que procura realçar os seus predicados.

N.º 404 — *Corinthia* — Estremoz. — O seu grafismo é uma verdadeira máscara... transparente!

Os seus traços demasiado caligráficos, os ornatos puramente desnecessários de uma fantasia extraordinária, são a demonstração mais evidente de todo o seu espírito de «artista», sim, mas também de copista orgulhoso da sua obra, julgando-se absolutamente digno de uma homenagem incomensurável que o celebrizará para

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

tudo o sempre, ante os olhares extasiados das gerações vindouras...

Tal é o sinal mais característico da sua natureza.

Vejamos agora quais as facetas mais desenvolvidas do seu personalismo.

De uma maneira geral, poderei dizer-lhe que o julgo absolutamente incapaz de fazer o mal de alguém. A doçura do seu temperamento só se eclipsa quando a sua altivez, sempre orgulhosa, é atingida...

Depois, surgem as manifestações dos seus nervos, ora tão calmos como um poente de Agosto, ora (e na maioria das vezes) agitados em gestos impulsivos e de difícil expressão a explodir em acessos inexplicáveis...

E eis, pois, alguma coisa do que o seu grafismo revela.

N.º 405 — *Zycia* — Lisboa. — Pelo que vejo gosta da História Alegre de Portugal...

Está concorde com os seus característicos grafológicos que denotam a posse de um bom humor natural e sempre pronto a revelar-se, por vezes tão exuberantemente que até há quem pense que a sua alegria não tem razão de ser...

Verifico também que a sua simplicidade, adicionada a uma dilatada credulidade, garante-lhe a ignorância dos aspectos mais nebulosos da sua vida, sempre suave e simples.

Em resumo, todo o seu grafismo manifesta vontade, desejo de aperfeiçoamento e uma certa infantibilidade, que constitui talvez uma das faces mais atraentes do seu espírito.

N.º 406 — *Uma que adora os cravos*. — Impressionabilidade exteriorizada lenta e pesadamente numa dificuldade de expressão que só a custo consegue dissimular.

A sua rigidez austera e inabalável é simples-



EM FAMÍLIA
A comodidade só é
completa quando o chá é
feito em 5 minutos com o
FOCÃO
VACUUM
VACUUM OIL COMPANY
Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias



PETROLEO
SUNFLOWER

mente aparente. Os seus gestos exagerados, mais vezes do que realmente julga, denunciam um dos aspectos mais interessantes do seu personalismo: a dissimulação de todo o seu nervosismo apaixonado e exigente.

A sua discreção é absoluta e sabe bem guardar só para si o que não convém que todos saibam... porque nem toda a gente sabe grafologia!

N.º 407 — *Lucas Licas* — Lisboa. — Actividade profissional, excelentes faculdades de trabalho, discreção, economia e... mau génio quando contradizem a sua opinião decidida e audaz.

Não é para que a sua noiva saiba, mas sem sombra de lisonja ou benevolência, posso assegurar-lhe que o seu grafismo revela a posse de

excelentes qualidades morais e uma firmeza absoluta nas suas promessas se... (há sempre um se!) todavia souberem corresponder à sua lealdade.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.^{mas} consulentes da *Voga*, reenderçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

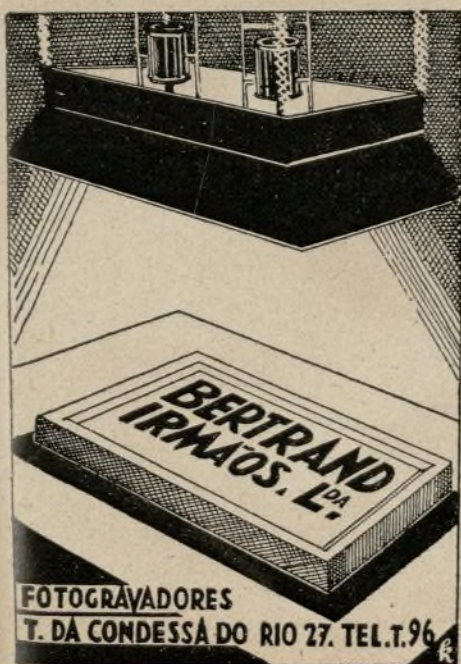
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



PASTA DENTÍFRICA
MARIA LUÍSA

SUPERIOR Á MELHOR

Branqueia os dentes e perfuma a boca

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
ÁGUA DE COLÔNIA
SABONETE

À Venda em todas as boas Casas
Agentes gerais: STEITEN & FILHOS, Rua de Madama 21E. LISBOA

DE CORISTA A ESTRELA

POR DOROTHY SEBASTIAN

O início da minha carreira no cinema data de 1920. Havia então conseguido um contracto como simples corista em «Scandals», a famosa peça de George White. Antes disso, eu era apenas uma rapariga do sul do meu país, com um curso superior, com acentuada inclinação pela música e desenho, mas sem experiência alguma no que respeita ao palco.

Essa experiência consegui adicioná-la à minha educação geral representando a referida peça, depois do que fiz os meus esforços para alcançar Hollywood. Queria apenas trabalhar no palco, primeiro, tal como tantas outras raparigas. E consegui realizar o meu intento. A minha opinião agora é que uma aspirante à fama do cinema deve procurar pôr à prova a sua habilidade dramática, antes de



tes em comédias, ou em papeis de «coquettes» simpáticas. Tenho tido, na verdade, bastante sorte desde que me iniciéi no teatro; mas em grande parte, isso não é senão um produto da minha tenacidade e disposição para o trabalho desde o primeiro momento em que me dispuz a conseguir uma proveitosa experiência — experiência que tem sido o meu mais importante factor para que se abram, para mim, as portas da fama nos domínios encantados da scena muda.

pensar em qualquer tentativa de penetrar pelos difíceis domínios de um estudio em Hollywood. E, de facto, bem melhor já se ter alcançado algum êxito no teatro; a experiência perante a ribalta proporciona certa confiança própria, desembaraço e publicidade — elemento valiosíssimo. Sem que se disponha de tais requisitos, é muito difícil atrair a atenção de produtores e directores da scena muda.

A minha carreira é destituída de qualquer passo anterior ao meu advento na peça de George White. Meu pai, que se dedicava a transações de imóveis, sempre cuidou em me proporcionar todos os meios necessários à minha educação, facilitando depois o meu emprego em trabalhos de decorações interiores e pintura.

Meu avô foi o primeiro a estabelecer uma igreja presbiteriana no Estado de Alabama, após ter-se dedicado, por quatro anos, juntamente com minha avó, às actividades missionárias na Turquia.

Já enfasiada do relativamente acanhado ambiente que me parecia ser a vida em Birmingham, resolvi tentar a actividade em Nova York, e aí, devido à minha persistência, George White me forneceu a oportunidade que eu almejava. Esta oportunidade apresentou-se muito simplesmente: tinha eu pedido a um dos porteiros do teatro que me deixasse assistir aos ensaios, e achava-me nos bastidores apreciando os bailados das coristas, quando George White notou a minha estranha presença. Fez-me um convite para que eu tomasse parte também no ensaio, numa prova da minha habilidade. Acedi, e êle gostou do meu trabalho, convidando-me, então, para fazer parte da companhia.

De início consegui atrair certa atenção, devido à minha dedicação ao trabalho, pois me esforcei numa demonstração incansável, trabalhando como nunca. Tornei-me conhecida nos círculos teatrais, e, ao ser a peça «Scandals» apresentada à platéa de Hollywood, o meu sucesso pessoal foi tão evidente que pensei em deixar a companhia e tentar a minha entrada nos «studios». Assim pensei e assim o fiz.

Desde então tenho estado a trabalhar sempre no cinema, sendo a minha primeira aparição na tela com «Sackcloth and Ashes», em fins de 1924. Mais tarde trabalhei em «Winds of Chances», «Why Women Love», «Blue Beard's Seven Wives» e «Broken Butterfly». O meu primeiro trabalho para a Metro, onde ainda me encontro, foi em «A Certain Young Man». Em geral, costumo tomar par-

